

O MODELO ESPORTIVO CNI/SESI: A FORMAÇÃO DO ATLETA - TRABALHADOR - DO FUTURO.

Autor: Carlos Eduardo de Souza¹

Resumo: O presente estudo visa compreender, a partir do projeto “Valores do Esporte” quais interesses estão por trás da apropriação e do modelo de esporte adotado pela Confederação Nacional das Indústrias (CNI) e pelo Serviço Social da Indústria (SESI), entidades organizadoras e representantes dos empresários industriários no Brasil e que nasceram com o propósito de “*conciliar o crescimento econômico com a justiça social, visando garantir uma sociedade democrática baseada na harmonia entre capital e trabalho*”. (DaCosta [Et Al], 2007:122). Este texto leva em consideração que o modelo esportivo adotado por essas entidades ainda não foi estudado suficientemente, principalmente quando se trata de uma análise no que tange às mediações que envolvem o projeto esportivo vinculado às indústrias, à educação dos novos trabalhadores e a construção de uma nova sociabilidade².

1- Trabalho e Educação: o modelo de esporte CNI/SESI.

Um pressuposto para a caracterização e análise do ser humano, portanto, indispensável para apreensão teórica, é que a essência do homem se encontra no fato de que esse precisa adaptar a natureza a si, agindo sobre ela e transformando-a para que se mantenha de pé, travando assim uma relação dialética³ e de construção social. Ao fazer isso o homem acaba por produzir trabalho. Para Marx (1985) esse é o fato que distingue os homens do restante dos animais, observa-se daí a capacidade de projeção e racionalização

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista capes. Orientado pelo professor André Silva Martins.

² Cabe aqui uma importante ressalva. Ao utilizarmos as expressões “novos trabalhadores” e “nova sociabilidade”, essas não tem o sentido de indicar uma mudança substancial nas condições de trabalho e no modo de vida capitalista. Vale dizer que a extração da mais valia relativa e absoluta ainda continua ser a máxima no interior das fábricas assim como os conflitos de classe permanecem intactos dentro da sociedade. As expressões apenas exprimem que houve mudanças na forma de produzir – objetivas e subjetivas - no capitalismo quando as empresas buscaram reestruturar suas produções incorporando novas tecnologias e demandas de mercado.

³ Ao agir sobre a natureza, a natureza age sobre o homem. “A dialética situa-se então, no plano de realidade, no plano histórico, sob a forma de trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento, transformação e auto transformação”.(Frigotto, 1987)

da mente humana. Marx, ao explicar a dimensão ontológica do trabalho humano, faz a seguinte comparação:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha, é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural: realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1985:149-150).

Segundo Saviani (1997), ao produzir continuamente a sua existência através do trabalho, o homem necessita se educar, sendo a educação uma exigência do e para o processo de trabalho e ela própria se constitui num processo de trabalho. Dessa forma, para entender o homem e as relações sociais que ele estabelece ao longo da história torna-se necessário compreender a centralidade do trabalho e a realidade que nos cerca.

Quando o homem toma para si os meios de produção, criam-se, contraditoriamente, duas classes, a dos que detêm os meios de produção e a daqueles que necessitam vender o único bem que lhes resta, sua força de trabalho. Nessa relação entre o empregador e o empregado, dominante e dominado, explorador e explorado, o trabalho toma um aspecto negativo e se torna um meio de vida, onde o seu produto fica estranhado do produtor. Soma-se a isso a divisão do trabalho em esferas exclusivas e determinadas para cada trabalhador, levando-o à não compreensão da totalidade de seu trabalho, não permitindo que o homem desenvolva suas várias dimensões humanas assemelhando-se à abelha e a aranha. Tudo isso confere o aspecto destrutivo do ser ontológico. Segundo Marx e Engels (2005:54) nesse modo de produção, “*o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico e deverá permanecer assim se não quiser perder seus meios de sobrevivência*”.

Então, se é pelo trabalho que o homem constrói a sua humanidade e é através da educação que se busca transmitir para cada indivíduo singular a humanidade construída pelo conjunto dos homens, diante disso podemos indagar: que humanidade está sendo

construída? E mais, como a educação, através do modelo esportivo vinculado a CNI/SESI, vem servindo para a manutenção e construção dessa humanidade?

A CNI foi fundada em 1938 e segundo Rodrigues (1998) constitui-se o mais importante órgão de representação da burguesia industrial brasileira cobrindo todo o território nacional. O autor aponta a instituição como um caso emblemático de força política educacional, dado a sua tríade pedagógica do sistema CNI, composta pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Social da Indústria (SESI), e pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL). Ainda segundo o mesmo autor:

A densidade político-social da CNI também pode ser mensurada através da observação, por exemplo, das ações e pressões desenvolvidas sobre o Estado brasileiro, da sua intensa presença na mídia, pela notoriedade e influencia de seus dirigentes junto aos seguimentos chamados de formadores de opinião. Diante de tais elementos, pode se afirmar que a CNI constitui-se hoje no moderno príncipe industrial brasileiro. Essa entidade é um complexo organismo que se constrói com o fim de buscar a hegemonia da visão de mundo da burguesia industrial, para, com isso, preservar e dinamizar a acumulação do capital industrial. (RODRIGUES, 1998:7)

Hobsbawm (2006) ao buscar analisar o comercialismo das produções artísticas e das culturas populares de massa, no início do século XX, assim como o seu alcance através da mídia e da propaganda escrita, admite que o esporte embora praticado em escala global, permanecia extraordinariamente primitivo.

Seus praticantes ainda não tinham sido absorvidos pela economia capitalista. As grandes estrelas ainda eram amadores, como no tênis (isto é, assimilados ao *estatus* burguês tradicional), ou profissionais que ganhavam um salário não muito superior ao de um operário industrial qualificado, como no futebol britânico. Ainda tinham de ser apreciados pessoalmente, pois mesmo o rádio só podia traduzir a visão real do jogo ou corrida nos crescentes decibéis da voz do locutor. A era da televisão e dos esportistas pagos ainda estavam alguns anos à frente. (HOBSBAWM, 2006:197)

Com o desenvolvimento das forças produtivas, divisão internacional do trabalho e com o intercâmbio das relações de produção, o esporte assume nova conformação. Gebara

(2002) na tentativa de diferenciar esporte moderno de suas formas mais antigas, portanto, desde seu surgimento, afirma que: “*o esporte moderno é um objeto em constituição, ele não está ainda constituído a ponto de permitir sua compreensão com base em um modelo de análise preconcebido*” (GEBARA, 2002:6). Nem por isso o autor desconsidera a importância do acúmulo teórico que nos ajudam a conceber uma melhor caracterização desse grande fenômeno cultural e de suas principais mediações assumidas na contemporaneidade. Entendemos que esse apontamento é legítimo e necessário, uma vez que, as análises dos fenômenos devem estar balizadas historicamente, porém na dinâmica dos acontecimentos. O esporte, portanto, é tomado por nós como sendo construtor e constituído de uma totalidade em movimento que se expressa no cotidiano.

Para um melhor efeito de nosso estudo nos interessa compreender a rápida difusão do esporte pelo mundo e os valores moralizantes e reprodutores do pensamento burguês contidos nas práticas esportivas. Porém, não se trata de proceder uma análise meramente superestrutural dessa cultura, entendemos que o esporte enquanto mercadoria também é um definidor de sua forma atual. Tomemos como ponto de partida para nossas análises, as categorias que para Allen Guttmann (1978) ajudam a entender o esporte em sua forma modernizada, são elas: *secularismo; igualdade de oportunidades na competição e em suas condições; especialização das regras; organização burocrática; impulso para a quantificação; racionalização possibilitando sua internacionalização; busca dos recordes.* (GUTTMANN apud GEBARA, 2002: 6).

Essas categorias nos informam que o esporte torna-se chave de um empreendimento que constantemente e dialeticamente constrói e é construído pelos valores do modo de produção capitalista. Sendo assim desloca-se o que tinha, há tempos atrás, uma conotação lúdica voltada para o prazer e distração para um modelo de prática e educação esportiva que visava educar para o consenso e reprodução do modo de vida burguês. Segundo Gebara (op.cit) há um duplo movimento, de um lado um atleta moderno – *um profissional altamente qualificado, (...) com base em um ritmo e processo de treinamento, que fazem inveja aos que cultuam a qualidade total* – e do outro a produção de mercadorias, bens de consumo ligados à imagem do atleta e do esporte. O autor ainda nos atenta para a diferença entre democratização e massificação do esporte.

Não são poucos os regimes autoritários, ou mesmo ditatoriais, que tem massificado a prática esportiva, isso sem, contudo, democratizar, no sentido de possibilitar às minorias (idosos, deficientes etc) efetiva participação. De fato, a intervenção do Estado no mundo esportivo tem sido freqüentemente, no sentido de induzir a pratica esportiva na direção de projetos políticos nacionais voltados para a propaganda e doutrinação. (GEBARA, 2002:13-14)

Proni (2002) ao traduzir a concepção que Brohm desenvolve acerca do esporte cria um trabalho fecundo de elementos para compreendermos o esporte moderno como sendo algo que determina e ao mesmo tempo é determinado pelo modo de produção capitalista. Segundo Proni (op.cit.), a hipótese central para Brohm é que o sistema esportivo moderno é o reflexo da universalização e mundialização da forma de vida predominante e que tem a sua origem na economia capitalista na qual impera o espírito industrial, a mentalidade do rendimento e do êxito. “*O intercambio de mercadorias e de capital tiveram como consequência o intercâmbio de idéias e a difusão de práticas esportivas.*” (PRONI, 2002:38) Ainda, de acordo com Proni, Brohm identifica quatro fatores responsáveis pelo desenvolvimento do esporte moderno:

(a) O aumento do tempo livre e o desenvolvimento do ócio (que ocupa um lugar de destaque na civilização do lazer); (b) a universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa (o esporte converte-se em “mercadoria cultural” graça a sua natureza comopolita); (c) revolução técnico – científica (que reflete-se na busca da eficiência corporal, nos novos materiais e equipamentos, inclusive no surgimento de novas modalidades esportivas); (d) e a revolução democrático – burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional (isto é a dinâmica político –ideológica).(BROHM apud PRONI, 2002:39)

O esporte dentro dessa perspectiva carrega os valores e os padrões de desenvolvimento do Estado liberal. Difunde uma forma de convívio e inspira desejos de mudanças individuais. Aproxima as classes sociais ocultando o antagonismo político - econômico e a relação de exploração existente entre elas. Portanto, um produto da sociedade industrial que serve como elemento de difusão do ideário e dos interesses da classe dominante.

Chegamos, assim, ao que Brohm acredita ser a essência do esporte moderno: é a ideologia democrática típica de uma sociedade que precisa cultivar um ideal humanitário (liberdade, igualdade, fraternidade) e, ao mesmo tempo, velar suas estruturas de classe e seus mecanismos de dominação. Por isso, o autor enfatiza o papel da instituição esportiva como estrutura simbólica e aparato ideológico do Estado. (PRONI, 2002:39-40)

Para os diretores do SESI, “*os valores do esporte sempre estiveram sintonizados com a razão de existir dessa entidade, melhorar a qualidade de vida do industrial, e assim, contribuir para o crescimento da indústria*”⁴. Ainda segundo essa entidade, o que atrai o grande público para acompanhar e torcer pelas grandes equipes e atletas não é a competição. O esporte “*conquista pelo exemplo de superação e companheirismo, pela prova que vale a pena jogar limpo.*”⁵

Entretanto, temos acompanhado na mídia diversos escândalos ligados a trapaças esportivas protagonizados pelos atletas que fazem de tudo para estar no topo da indústria esportiva. Vejamos alguns casos entre centenas deles: O alemão Hermann Ratjen passou-se por mulher (Dora Ratjen) e bateu o recorde mundial do salto em distância em 1938, durante o campeonato Europeu de atletismo, em Viena. Segundo o atleta ele tinha sido obrigado a competir como sendo mulher pelos nazistas alemães. Maradona fez um dos mais famosos gols da história do futebol que garantiu a Argentina o título da copa do mundo de 1986. O que o árbitro da partida não “percebeu” que o gol foi de mão. Segundo o atleta, essa mão “era de Deus”. A seleção de basquete espanhola conquistou ouro nas Paraolimpíadas de 2000, no entanto dez dos jogadores não apresentavam deficiência mental como eles diziam ter e expressavam em gestos e falas. A disputa entre as patinadoras Tonya Harding e Nancy Kerrigan chegou a níveis extremos, a ponto de Harding contratar alguém para machucar sua rival. Kerrigan foi atingida com uma barra de ferro nos joelhos. Em Montreal nos jogos olímpicos de 1976 o pentatleta Boris possuía um interruptor elétrico em seu florete para dar choques nos adversários durante as provas de esgrima. O boxeador Luis Resto nocauteou Billy Collins, usando uma luva endurecida por gesso em 1983. O goleiro chileno teve sua face cortada em partida contra o Brasil no Maracanã na copa de 90. Segundo o atleta a torcida havia atirado objetos em seu rosto.

⁴ Retirado na internet, página: <http://www.sesi.org.br/portal/main.jsp>. Acessado, 9 de outubro de 2009.

⁵ Retirado na internet, página: <http://www.sesi.org.br/portal/main.jsp>. Acessado, 9 de outubro de 2009.

Entretanto, foi provado que ele se cortou. O golfista David Robertson foi flagrado ajeitando a bola, com as mãos, em uma melhor posição para efetuar sua tacada.

Essas são as provas de que o esporte não é uma instituição acima dos conflitos e dos aspectos (des) moralizantes que envolvem o modo de produção capitalista. Os valores agregados e trabalhados a partir do esporte podem estar intimamente relacionados aos valores que envolvem a produção de mercadorias e a relação de trabalho nesse sistema. Principalmente se levarmos em consideração o atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas e o modelo de educação vinculado a esse desenvolvimento.

O capital passa por constantes reestruturações no seu processo de produção. Interessa para nós compreendermos o processo produtivo que se hegemonizou a partir da crise do estado de bem-estar social⁶, crise esta que se caracterizou pela saturação de mercados internos, pela crise fiscal inflacionária e pela defesa da volta das leis naturais do mercado, abrindo campo para o advento do neoliberalismo enquanto política de contenção da crise do capital, centrando ataques fundamentalmente às conquistas sociais trabalhistas. (ANDERSON, 1995) Mais amplamente, o advento do neoliberalismo sugere nova sociabilidade, por isso torna a educação um campo fecundo de inculcação ideológica.

Nesse processo produtivo, conhecido como toyotismo, observamos a constituição de formas de acumulação flexível, das formas de gestão organizacional, do avanço tecnológico que apresenta uma produção vinculada à demanda com vistas a atender as exigências do mercado consumidor, com uma produção variada e bastante heterogênea, o trabalho operário em equipe com um trabalhador polivalente, o princípio do *just in time*, com melhor aproveitamento possível do tempo de produção e estrutura horizontalizada da produção (ANTUNES, 1999).

Neves e Pronko (2008) trazem importantes reflexões sobre o empresariado industrial brasileiro e a formação/educação para o trabalho simples e complexo no Brasil contemporâneo. As autoras afirmam que o Brasil continua a ocupar a posição de “capitalismo dependente” no seio da divisão do trabalho e da organização econômica internacional. Tais diretrizes educacionais vêm se apoiando nas pautas de reivindicações dos organismos internacionais ligados ao capital financeiro, num processo de globalização. Para Roberto Leher (1999), são dois os organismos fundamentais nesse processo, o Banco

⁶ Cabe aqui uma ressalva importante: O Estado de bem estar social é compreendido no Brasil como um Estado desenvolvimentista que muito se assemelham, porém de forma mais branda.

Mundial e o Fundo Monetário Internacional, que juntos determinam aos países periféricos que persigam “boas políticas educacionais” que coincidam com as suas posições.

Nesse contexto, a educação deve servir na formação do novo tipo de trabalhador, ou seja, polivalente, flexível e empreendedor. Na teoria tem-se uma educação que irá fornecer as competências técnicas para o indivíduo se manter empregado, entretanto, sabemos que a atual fase do modo de produção capitalista constrói um cenário de desemprego estrutural, sendo assim, essa formação torna-se falaciosa, pautada no discurso de culpabilização do trabalhador. Se o trabalhador não consegue se empregar é porque não tem competências ou não se interessou em obtê-las, com isso a escola mascara um projeto de educação burguesa que é formar para o desemprego (GENTILI, 1998).

Em 2007 durante os jogos Pan-americanos o SESI criou o projeto “Valores do Esporte” que tem sido implementado em diversas empresas de todo o Brasil. Com o apoio da CNI, foi publicado um documento intitulado “Manual Valores do Esporte” com cerca de 200 páginas buscando resumir o espírito e os objetivos desse projeto, que é de levar para dentro da indústria o que o esporte tem de melhor. Para o SESI os valores apreçados - *trabalhar em equipe; aceitar seu limite e o do outro; respeitar diferenças, regras e determinações; assumir papéis e tomar decisões; sentir orgulho de representar o time; encontrar respostas em momentos difíceis* (DaCosta [Et Al] 2007:51) – pelo o esporte coincidem com os valores que o trabalhador deve nutrir para alcançar sucesso em sua carreira e também melhorar sua produtividade no chão da fábrica. Traduzindo com suas (SESI) próprias palavras:

(...) levados para o ambiente de trabalho. Esses valores resultam em profissionais mais comprometidos e engajados, o que contribui fortemente para o aumento da produtividade e melhoria do clima organizacional⁷.

A partir dessa citação e da afirmação de que todos esses valores e normas de condutas são fundamentais para o trabalho. Podemos definir então, como já apontamos antes, que o atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas requer de um lado um “novo trabalhador” - Um profissional engajado que saiba trabalhar e desenvolver sua ação

⁷ Retirado na internet, página: <http://www.sesi.org.br/portal/main.jsp>. Acessado, 9 de outubro de 2009.

em conjunto com outros trabalhadores e principalmente tomar decisões rápidas e eficientes sempre que a dinâmica da produção e do mercado assim o exigir. O “bom trabalhador” precisa vestir a camisa da empresa e ter uma postura empreendedora, ou seja, tem que oferecer o diferencial em idéias e ações – e de outro lado trabalhadores conformados que aceitem os seus limites e que nos momentos difíceis – crises econômicas, desemprego – consigam encontrar respostas para que esse quadro não seja permanente em suas vidas. Todos esses valores e normas de condutas estão diretamente ligados naquilo que a CNI/SESI defendem em seus documentos e postulados acerca do esporte.

Martins (2007) nos revela que os movimentos e partidos de resistência que tiveram uma atuação mais incisiva na década de 90, com o passar do tempo, acabam aderindo uma política de aliança entre os diferentes/antagônicos interesses da sociedade civil. Essa interação política resulta em uma conservação do projeto societário em curso no Brasil, sendo que as principais ações políticas dessa nova configuração do “bloco no poder” podem ser expressas da seguinte forma:

Com efeito, neste período de governo, a *nova pedagogia da hegemonia* foi mantida em pleno funcionamento para reforçar três objetivos pedagógicos estabelecidos na conjuntura anterior, quais sejam: (a) consolidação da *cidadania ativa* circunscrita à noção de voluntariado; (b) redirecionamento do papel das organizações da sociedade civil para formar uma ampla rede de difusão da nova sociabilidade; (c) fortalecimento das organizações que atuam na execução das políticas sociais em parceria com a aparelhagem estatal. Assim, sem alterar os propósitos anteriormente firmados, a classe burguesa conseguiu dar passos importantes para consolidar no Brasil um novo padrão de sociabilidade, ampliando a adesão de praticamente toda a sociedade ao seu projeto. (MARTINS, 2007:235)

De acordo com o documento “Manual Valores do Esporte” *“as instituições privadas brasileiras têm discutido o seu papel como agentes sociais no processo de desenvolvimento sustentável e sobre a necessidade da formulação de valores éticos”* (DaCosta [Et Al], 2007:119) e de responsabilidade social, ressaltando que o esporte é um forte elemento de inclusão social. Essas características do empresariado ressaltam aquilo que Martins nos revelou como sendo as principais ações da burguesia para a construção do consenso no Brasil contemporâneo. Vejamos alguns dos sub-projetos do SESI e um pouco de seus objetivos.

Com a função de prestar serviços sociais de saúde, educação, lazer, cultura, alimentação e de promoção da cidadania, o SESI visa melhorar a

qualidade de vida do trabalhador da indústria, transportes, comunicação e pesca, bem como a de seus dependentes, através de um amplo programa que integra diferentes projetos sociais, entre eles: SESI Ginástica na Empresa, Esporte Solidário, SESI Lazer na Empresa, Terceiro Tempo, Largada 2000 e o Programa SESI Esporte. Os programas do SESI abrangem todo o território brasileiro, e os Jogos do SESI têm abrangência também internacional através dos campeonatos mundiais e da Copa do Mundo do Trabalhador. (DaCosta [Et Al], 2007:120)

Sobre a intervenção do empresariado nas questões sociais, Martins (op. Cit.) nos afirma que quem sempre, de fato, viabiliza essa intervenção burguesa e acaba pagando essa conta, é o próprio trabalhador “*pois é a partir do lucro, extração de sobre-trabalho, que a burguesia destina recursos para manter suas organizações e seus projetos*” (MARTINS, 2007:241) tudo isso leva a um aumento da exploração do trabalho e da produtividade.

O documento do SESI afirma que essas ações não têm a pretensão de ocupar o lugar do Estado e que elas visam “*fomentar a transformação no plano dos valores predominantes na sociedade brasileira, difundindo novas visões de mundo, novos conhecimentos e compreensão da sociedade.*” (DaCosta [Et Al], 2007:125) Essa afirmação nos coloca claramente o interesse das empresas em participar diretamente na educação e na construção da sociabilidade dos seus trabalhadores e futuros trabalhadores/atletas, no que tange a suas visões de mundo, em consonância com uma única e possível forma de enxergar a relação capital e trabalho. Conjuga-se, portanto, uma dupla ação positiva para o empresariado. De um lado criam-se *status* e *marketing* em torno de suas marcas e do outro penetra-se na consciência e no modo de vida do trabalhador no sentido da conservação. Segundo as reflexões de Martins:

Indubitavelmente, vivemos em tempos de hegemonia neoliberal. Essa hegemonia só vem sendo possível, porque as estratégias políticas da dominação foram aperfeiçoadas e se concentraram na formação de uma nova subjetividade coletiva que atravessa muitas práticas sociais. O grande mérito dessa intervenção empresarial foi penetrar capilarmente em todo o tecido da sociedade para redefinir a sociabilidade e difundir a imagem do sistema capitalista como um simples conjunto de relações, um espaço onde, supostamente, não haveria mais antagonismos entre classes sociais e defesas de projetos de sociedade. (MARTINS, 2007:269)

Voltando à questão do esporte e fazendo uma ponte com as ligações governamentais, essas não expressam outro compromisso que não seja esses de garantia de lucros para os burgueses – principalmente da construção civil, entre outros - em detrimento de políticas sociais robustas que garantam esporte e lazer de qualidade e de acesso a todos.

Podemos perceber isso, de forma clara, no grande esforço que o presidente juntamente com o ministro dos esportes Orlando Silva (PC do B) e outros esportistas de alto desempenho empregaram para garantir que o Brasil fosse sede dos jogos Pan-americanos de 2007, copa do mundo de 2014 e por fim sede das olimpíadas de 2016. A pergunta elementar é: quais os esforços que esse governo tem feito para melhorar a prática e viabilizar o acesso dos trabalhadores e de seus filhos no que concerne às manifestações corporais no campo, nas cidades e periferias? O montante de dinheiro público para garantir que os mais “aptos”, “habilidosos” e “talentosos” atletas possam ter assegurados os caminhos para seu desenvolvimento é gigantesco. Enquanto isso as escolas públicas de todo o país e os ambientes urbanos onde os trabalhadores poderiam ter contato com as práticas esportivas, encontram-se sucateados, sem aparelhos e materiais, assim como, os professores, quando esses existem, não têm condição de trabalho digno para socializar esse bem cultural.

Por tudo que até aqui foi exposto e levando em consideração que esse ensaio representa apenas uma breve análise em relação aos interesses das indústrias nas manifestações culturais, entre elas o esporte, podemos concluir que por trás dessas ações há um forte movimento de conservação e assimilação dos trabalhadores em torno do trabalho e de um modo de vida nos marcos da produção capitalista. Segundo a própria conclusão dos autores do documento.

A Educação Olímpica tem no Esporte para Todos uma justificativa histórica e, para os trabalhadores, deve ser ajustada através de valores, não apenas enfatizando a chamada qualidade de vida. Os autores justificam a importância de Programas de Educação Olímpica nas empresas considerando alguns dos valores preconizados pelo perfil do novo trabalhador como: responsabilidade, parceria, cumprimento de metas, bom relacionamento, cooperação e criatividade. (DaCosta [Et Al], 2007:126)

Terminamos dizendo, ainda que não seja objetivo desse estudo elaborar um programa de esporte que aponte possíveis saídas para a classe trabalhadora, que é necessário democratizar o esporte e isso significa investir maciçamente nos municípios, Estados para que esses possam (re) estruturar, equipar espaços públicos e garantir professores que atendam o conjunto da sociedade. Modificar e tornar o esporte uma expressão de contentamento e de possibilidade de emancipação e não de intenso sofrimento protagonizado por aqueles que fazem do esporte uma batalha individual e

coletiva em busca de resultados e lucros. Essa, entendemos, deva ser uma ação do Estado e de garantias de direitos sociais, deveria ser tarefa principal para um governo que tem apoio dos trabalhadores. Mais uma vez não é isso que vemos acontecer. O governo insiste nas suas políticas de privilégios e acena com descaso para a grande maioria dos trabalhadores permitindo e consentindo que os bens culturais sejam apropriados pelas empresas em função do capital e da exploração.

2- Referência Bibliográfica:

ANDERSON, Perry. *Balanço do Neoliberalismo*. SADER, Emir, GENTILI, Pablo (orgs). Pós-Neoliberalismo: As políticas sociais e o Estado democrático – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

DaCOSTA L. [Et Al]. *Manual Valores do Esporte*. Brasília: SESI/DN, 2007.

FRIGOTTO G. *Trabalho e conhecimento, dilemas na educação do trabalhador*, São Paulo, Cortez, 1987.

GEBARA A *História dos Esportes: Novas abordagens*. In. PRONI, M.W.; LUCENA, R.F. (orgs). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p.5-29.

GENTILI, Pablo. *A desintegração da promessa integradora*. In: FRIGOTTO, G. *Educação e crise no trabalho: perspectivas de final de século*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 76-99.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. 2 ed. São Paulo, Companhia da Letras, 2006.

LEHER, Roberto. *O Bird e as Reformas Neoliberais na Educação*. PUC Viva Revista. nº 5, jun.1999.

MARTINS, André Silva. *Burguesia e a nova sociabilidade: estratégias para educar o consenso no Brasil contemporâneo*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1, v.1, 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2005

NEVES, L. M. W.; PRONKO, M. A. *O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

PRONI, M.W. *Brohm e a organização capitalista do esporte*. In. PRONI, M.W.; LUCENA, R.F. (orgs). *Esporte: história e sociedade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p.31-61..

RODRIGUES, J. *O moderno príncipe industrial: o pensamento da confederação Nacional da indústria*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 1997.